

Dez quilômetros acompanhando Tancredo

O silêncio foi quebrado pelos aplausos de centenas de populares, no momento em que a urna com o corpo do presidente Tancredo Neves deixou o portão lateral do Instituto do Coração, iniciando o percurso de dez quilômetros até o aeroporto de Congonhas. Eram exatamente 9h30 de ontem. O ato estava coberto pela Bandeira Nacional e protegido por oito soldados do Corpo de Bombeiros e quatro da Escola dos Oficiais do Barro Branco, em uniformes de gala.

Ao caminhão do Corpo de Bombeiros sucedia-se uma comitiva de cerca de 40 carros. Quando a viatura entrou na avenida Rebouças, as pessoas que estavam concentradas na calçada próxima ao Centro de Convenções Rebouças romperam o cordão humano formado por policiais. Nesse corre-corre, várias pessoas foram pisoteadas.

A movimentação no Incor começou por volta das sete horas da manhã, com a chegada de reforço da Polícia Militar e do Exército, para ajudar a manter a população na calçada do outro lado do hospital. Às 7h30, entrava no Incor o superintendente da Polícia Federal em São Paulo, Romeu Tuma.

Às 7h55, chegava ao Instituto do Coração o rabino Henry Sobel. Emocionado, dizia que o presidente Tancredo Neves foi a "personalização de um ideal". "Ele nos deixou um legado precioso de coragem, perseverança, esperança e garra de 38 dias de agonia." Para o rabino, "a marca do verdadeiro líder não é apenas o que realiza, mas o que anseia realizar".

As duas viaturas do Corpo de Bombeiros chegaram ao Incor pouco depois das oito horas da manhã. O soldado Domingos Gaeta, 40 anos, encarregado de conduzir o carro com o corpo do presidente até o aeroporto, estava emocionado.

O vice-governador Orestes Quêrcia chegou ao Incor pela entrada lateral. "Ele significava a síntese de toda a esperança nas eleições diretas que, na verdade, eram o desejo do povo de mudar o País. E vamos mudar com a orientação do presidente Tancredo".

A imprensa não teve acesso à missa de corpo presente realizada no próprio Instituto do Coração. Ela foi celebrada pelo cardeal dom Paulo Evaristo Arns e pelo secretário-geral da CNBB, dom Luciano Mendes de Almeida, com a ajuda de frei Beto. A missa sofreu um atraso de algumas horas, devido à demora no embalsamento do corpo do presidente Tancredo Neves.

No início do cortejo fúnebre pela avenida Rebouças, desde o Incor até a rua Estados Unidos, a fila de veículos ainda era mantida. Os caminhões com fotógrafos e cinegrafistas iam à frente do caminhão do Corpo de Bombeiros que conduzia o esquife. Logo atrás, uma dezena de carros oficiais. Essa ordem foi mantida apenas por dez minutos — e mesmo assim, obrigatoriamente, já que nesse primeiro trecho da avenida Rebouças os dois lados da pista são separados por grossas correntes de ferro.

Próximo à rua Oscar Freire, antes mesmo da passagem do cortejo, três jovens acenavam com rosas vermelhas. Mônica Portilla e sua irmã Ximena, ambas chilenas, e Pedro Ernesto Barbosa estavam emocionados. "As rosas são uma maneira de homenagear Tancredo", dizia Mônica. "Acho-as mais importantes, neste momento, do que a Bandeira Nacional, porque elas dão mostra do sentimento humano."

"Ver Tancredo passar"

Mais adiante, quatro minúsculas figuras esforçavam-se para acenar com uma bandeira maior do que elas. Isabel, Luciana, Lavinia e Letícia, respectivamente 6, 9, 6 e 4 anos, estavam no canteiro central da Rebouças, "vendo o Tancredo passar". Foi o máximo que conseguiram explicar, confusas entre segurar a bandeira e os maços de flores do campo que se misturavam ao colorido da avenida repleta de bandeiras, lenços, roupas, panos e cartazes.

A organização do cortejo fúnebre começava a se dissipar com os primeiros populares se adiantando para seguir a caminhada mais próximos dos veículos oficiais.

Nesse trecho, toda a população saiu atrás acompanhando o grupo de veículos pelo menos alguns metros adiante. Mas um homem ficou. Encostado às correntes de ferro, sozinho, cabeça tombada sobre os ombros, seu Antônio Rodrigo de Carvalho, 68 anos, não aguentaria a caminhada que queria tanto fazer. "Que pena! Parece que as coisas de Deus são diferentes das nossas. Como uma pessoa se entrega assim à humildade?" — foi o que conseguiu dizer antes de começar a chorar. "Acho que não vou assistir mais outro presidente juntar o povo assim."

Palmas da multidão

Já na avenida Brasil, quase esquina com a rua Colômbia, era possível enxergar apenas os batedores que iam à frente ainda abrindo o caminho no meio da multidão, que já invadia a pista e praticamente encobriu o carro de bombeiros onde estava a urna com o corpo do presidente Tancredo Neves. Logo atrás, o cortejo caminhava na mesma velocidade da imensa massa humana, lado a lado com os carros oficiais que levavam dona Risoleta Neves, demais famílias e autoridades.

Nas expressões das autoridades, tristeza e o choro emocionado quando avistaram toda a avenida Brasil tomada de populares que queriam prestar a última homenagem ao presidente morto. À passagem do carro fúnebre, palmas da multidão e gritos emocionados de "adeus Tancredo", "descanse em paz".

Os que estavam nas calçadas esperando desde as primeiras horas da manhã não se contiveram: quando viram a multidão que vinha atrás do carro que trazia o corpo do presidente, misturaram-se aos que passavam, engrossando ainda mais a imensa passeata em que se transformou o cortejo fúnebre.

A ponta do cortejo cruzou a rua Colômbia exatamente às 9h45. Não se notavam vazios entre a multidão. Os retardatários, correndo, tentavam alcançar o cortejo — algo quase impossível: bem próximo à rua Groenlândia, as duas pistas da larga avenida Brasil estavam quase que totalmente tomadas.

Do Instituto do Coração até o aeroporto de Congonhas, o caixão com o corpo de Tancredo Neves foi visto por uma

multidão calculada pela Polícia Militar em dois milhões de pessoas. E muitas não se contentaram em ver: fizeram

questão também de acompanhar o veículo. Nesta página e nas duas seguintes, o cortejo pelas avenidas de São Paulo.



"Uma esperança que se vai" — dizia Leda Félix da Silva, uma pernambucana que desde as primeiras horas da manhã prostroou-se bem em frente à igreja Nossa Senhora do Brasil, "para participar e fazer uma homenagem a Tancredo".

Bem próximas dali, dez religiosas declaravam que agora, sem Tancredo, só temos a esperança e a proximidade de José Sarney em fazer tudo aquilo que ele tinha programado". Ao lado do grupo de religiosas, duas são-joanenses faziam uma comparação entre o presidente eleito Tancredo Neves e o papa João XXIII: "O papa fez a abertura da Igreja e Tancredo consolidaria a abertura democrática" — dizia Lia Oscar da Cunha, 55 anos. Sua irmã, Maria Margarida Alacouque, 80 anos, falava de sua amizade com os Neves em São João do Rei: "Eles sempre foram religiosos e de temperamento muito tranquilo". A simplicidade também é uma virtude dessa família, de grande prestígio político na região, e sempre muito amáveis com todos".

Mas a são-joanense Lia Oscar da Cunha já havia presenciado um cortejo presidencial semelhante ao do presidente Tancredo Neves. Foi quando morreu Getúlio Vargas: "o Brasil inteiro chorava, mas o espírito era outro. Muitos até hoje se lembram da iminente deposição de Getúlio. O carisma de Getúlio Vargas foi inigualável no povo brasileiro. O carisma de Tancredo Neves foi adquirido por méritos próprios dele".

Fisionomia serena, mãos nas mãos, a irmã Maria Emilia, da Congregação de Nossa Senhora do Cenáculo, estava à passagem do cortejo: "Rezamos para que ele descanse em paz. Tenho a certeza de que ele lá está na maior plenitude do amor de Deus". Ela dizia também que tanto na sua existência como em tudo o que leu sobre história dos diversos povos do mundo nunca viu um povo tão irmulado em torno de um só homem, "nem os delírios de Napoleão na França conseguiram congregar tanto um povo".

Ao contrário do que se esperava, os sinos da Igreja Nossa Senhora do Brasil não replicaram à passagem do cortejo como as emissoras de rádio aludiam. De acordo com essas notícias, havia a intenção do cardeal arcebispo de São Paulo, dom Paulo Evaristo Arns, cada passagem do cortejo em frente a uma igreja os sinos deveriam tocar. Mas os sinos da Igreja Nossa Senhora do Brasil estavam quebrados.

Com democracia

A silhueta do monumento dos Bandeirantes foi redesenhada por aqueles que procuravam o melhor lugar entre a Assembléia Legislativa e o lago do Ibirapuera. O barco de pedra foi escalado e recebeu outros tripulantes, todos de costas para o sol, entre as estátuas. Pela grama, sentadas nas sarjetas, de pé sobre os bancos, nos galhos das árvores, em cima das motos, aos poucos as pessoas foram se aglomerando, braços cruzados, um ou outro rádio de pilha em volume baixo. Faltavam três minutos para as 10 horas quando o silêncio do parque foi quebrado pelo Hino Nacional.

Um grupo cruzava avenida Brigadeiro Luís Antonio cantando, abrindo espaço para o cortejo que deixava a avenida Brasil. Os aplausos começaram timidamente. De repente, o povo deixou o meio-fio, envolvendo os carros, empurrando, acompanhando com os braços aos gritos de "O povo está na ruá, a luta continua", lotando a avenida no trajeto para o obelisco, a caminho do aeroporto. Apenas dois minutos de despedidas para aqueles que ficaram — o tempo de passagem do carro de Bombeiros. Uma verdadeira multidão escoltando os carros e lotando toda a avenida Brasil.

Às 7h30, quando o cortejo ainda não começava, apenas uma pessoa circundava o monumento dos Bandeirantes — era João Fortunato Moraes, 27 anos, paranaense, funcionário da Prefeitura que cataava papéis. Quando soube, na noite de domingo, da morte de Tancredo Neves, João ficou triste, chateado, chocado, como ele mesmo não conseguia definir, porque "o Tancredo disse que iria ajudar muito os pobres e a gente tinha esperança". "O que entrar tem de ver a mesma coisa, a carência, o alimento, o salário." João vem para trabalhar lá de Itapecerica da Serra. Entra às 6 horas.

Quem veio de longe chegou muito cedo, vestindo casacos, a tempo de ver o tempo feio, nuvens escuras, o sol aparecendo aos poucos.

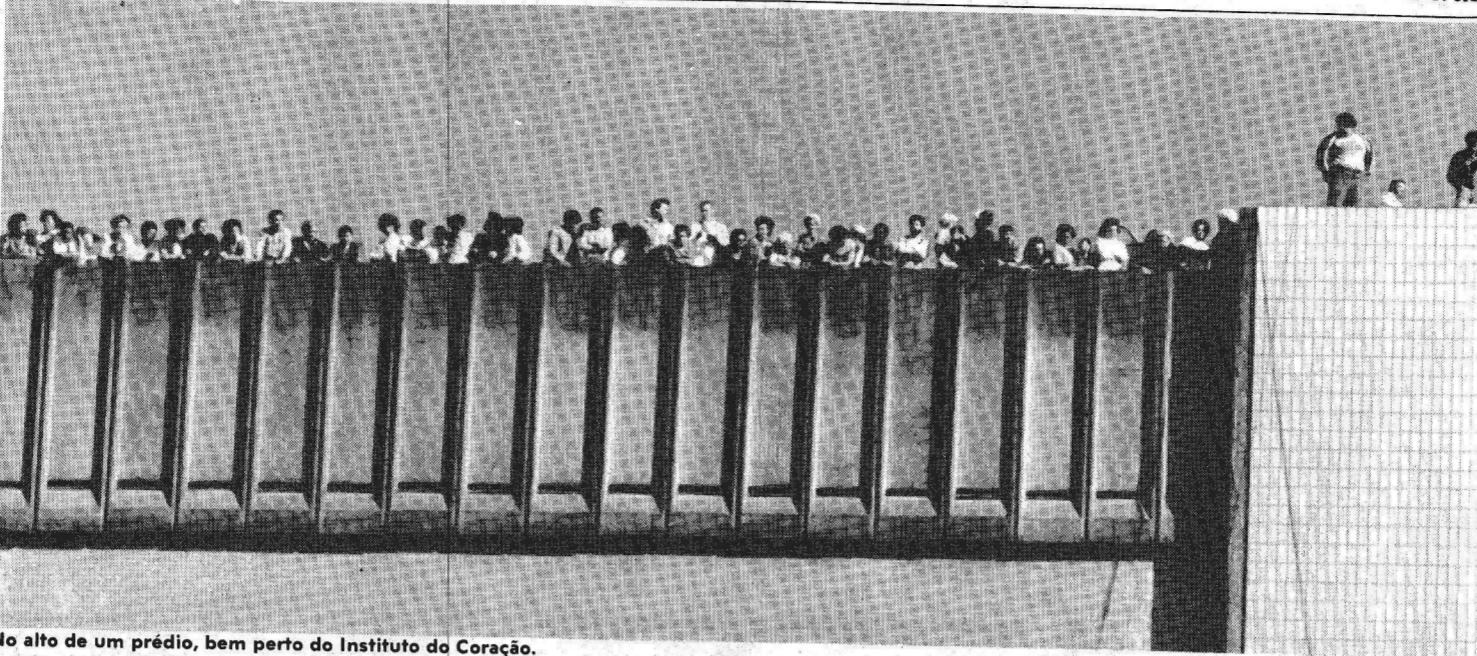
Dona Eneida dos Santos Silva, 64 anos, bem vividos, ficou até as 3 horas da manhã acompanhando noticiário da televisão, também chocada, como ela mesma disse, "tanto de bom que Tancredo tinha de fazer". Às 4h30, ela já havia comunicado ao marido que iria ver a passagem do cortejo e às 5h30 saiu de São José, perto de Parelheiros, porque "mais tarde o ônibus chega muito". Em todos estes dias, dona Eneida via na televisão — "Chegava o Brittânia, a gente corria para saber se o Tancredo tinha melhorado".

Ao seu lado, dona Ana Guimarães dos Antos, 54 anos, assegurava: "Falta de oração não falta, falta de cuidado os médicos também não. O principal é pensar na melhoria do povo, que é o que o salário é muito miserável, favelas, hospitais fechados, crianças abandonadas".

Às 10 horas, o espaço entre a Assembléia e o lago do Ibirapuera estava tomado: jovens de camisetas, agasalhos, tênis, mulheres de meia de seda, salto alto, maquiagem, bicicletas, cachorros, bandeiras, crianças, muitas motos. Narciso Figueira, 18 anos, estudante de Direito, torce de laranja vermelha e sua maior preocupação era ver "se quem assumir vai fazer o que todos esperam. Aliás, não precisaria fazer nada, só a emenda das diretas, dar o poder ao povo, o que já seria uma grande coisa".

O marceneiro Antônio Joaquim da Silva, 65 anos, observava o movimento: "A última homenagem que se poderia prestar a ele, Tancredo, é essa, com democracia, com tranquilidade; a primeira coisa, agora, é atacar a corrupção, que levou o Brasil ao caos. As pessoas estão muito mais unidas e vão mudar algumas coisas, uma Nação toda, com as mãos dadas para o futuro".

S.P./M.G./W.S./D.M.



No alto de um prédio, bem perto do Instituto do Coração.



Na avenida Brasil



Para muitos, uma obrigação: tocar no veículo que levava o caixão.